

## Infocracia: digitalização e a crise da democracia

### Infocracy: digitization and the crisis of democracy

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

439

Resenhado por / *Reviewed by*: **Murilo Henrique Silva**<sup>1</sup>

Byung-Chul Han é professor da Universidade de Artes em Berlim e autor de vários livros, onde discute sobre a estrutura das sociedades no século XXI. Dentre seus principais títulos estão: *Sociedade do Cansaço*, *Sociedade da Transparência* e *Psicopolítica*.

Neste ensaio de sua autoria, debate principalmente sobre a crise da democracia e o surgimento da infocracia, correlacionando fenômenos da contemporaneidade, como o advento das mídias digitais, a psicopolítica e as *fake news*, teorizando sobre as problemáticas que se desdobram em nossa era atual.

Inicia o texto com uma interessante perspectiva de que o regime da informação ao qual estamos inseridos, na verdade, trata-se de uma forma de dominação. Esta dominação decorre do processamento de informações, através de algoritmos e inteligência artificial, que têm influenciado primorosamente os processos econômicos, políticos e sociais.

Antes de se debruçar, contudo, sobre a análise destes itens, retoma conceitualmente a passagem da sociedade disciplinar de Foucault, para a sociedade do desempenho e da psicopolítica. Descreve que antes do contexto atual, a sociedade disciplinar se baseava no

---

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília -UnB, bolsista pela FAP-DF, pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Pitágoras/Unopar, Graduado em Psicologia pela Universidade Pitágoras de Uberlândia - MG. E-mail: E-mail: murilo-psico@hotmail.com

**Recebido em 01/03/2023**

**Aprovado em 01/05 /2023**

**Sistema de Avaliação: *Double Blind Review***



domínio do corpo e da energia, com objetivos de exploração e docilização, para aumentar-se a produtividade no capitalismo material. Neste estilo do capitalismo anterior, a posse dos meios de produção determinava o ganho de poder, que decorria, portanto, através do controle, da vigia, da rigidez e da disciplina.

Entretanto, este antigo sistema decaiu, erigindo em seu lugar, o capitalismo da informação, que tem como premissa a posse dos dados, para a concretização do poder, que têm por meta o controle e o prognóstico dos comportamentos sociopolíticos.

O capitalismo da informação se assenta, portanto, a partir da comunicação, da conexão, e de uma técnica de submissão muito mais sofisticada do que da sociedade disciplinar. Pois, subjuga através do incentivo à liberdade, autenticidade e criatividade. A motivação e a otimização substituíram, portanto, os antigos meios do poder, de vigiar e punir; deixando de lado completamente o interesse no corpo, relegando o mesmo, à estética do fitness, para focalizar o domínio sobre a psique dos sujeitos.

Han, chama esse novo poder psicopolítico de poder *smart*. De fato, um poder inteligente, na medida em que os aparatos de vigilância e submissão, se dão sem sequer serem percebidos, pois paradoxalmente é o sentimento de liberdade e de transparência, que guia os sujeitos à se exporem nas redes sociais. Geram assim, dados ininterruptamente sobre si mesmos, que serão utilizados por aqueles, que possuem a posse destas informações, para interferirem economicamente e politicamente sobre estes mesmos sujeitos.

Isso configura a transparência exigida neste capitalismo da informação, na realidade, como uma coação sistêmica, que exige que tudo deve estar disponível, visível, que todas as informações devem estar circulando livremente. O paradoxo disto, é que as pessoas acabam ficando aprisionadas em informações e dados, encarcerando-se em um presídio digital.

Todavia, apesar deste presídio ser transparente, o regime de dominação por trás dele, jamais o é, tratando-se de uma sala de máquinas escura, onde a caixa-preta algorítmica, funciona a todo vapor.

Por conseguinte, os aparatos tecnológicos, que possibilitam tal dominação em nosso cotidiano, vêm travestidos com o ideal do *smart*, do qual falamos acima. Desta forma, os sujeitos cada dia mais, apropriam-se de tecnologias como os *smartphones*, as assistentes de voz, relógios *smart*, *smart beds* (camas inteligentes), TV's *smart* e entre outros; que teoricamente tornam a vida mais prática e confortável, mas que na verdade são aparelhos que o tempo todo,

estão coletando dados e informações, que formarão os chamados Big Data (conjuntos de dados, com grande variedade e complexidade).

O que o capitalismo atual, portanto, visa em última análise, através da psicopolítica e dos *big data*, é influenciar e conduzir a vontade inconsciente dos indivíduos. As mídias sociais desse modo, estão cada vez mais se assemelhando às igrejas, onde o *like* transforma-se em *amém*, onde compartilhar nas redes, vira comunicação, e onde consumir, finalmente torna-se redenção. Para isso, há a dramaturgia dos *influencers*, que como o próprio termo define, influenciam o consumo de utensílios e bens, iludindo os sujeitos em sua almejada busca por autorrealização. Nesta sociedade atual, a identidade assim, virou sinônimo de consumo, tornando-se ela também uma mercadoria, assim como a liberdade, que é a premissa básica da cultura contemporânea.

O dataísmo, portanto, revela-se através desta análise, totalitário, na medida em que tenta influenciar e coordenar as vidas, vontades e a liberdade do sujeito, aspirando também um saber total sobre o mesmo. Contudo, Han destaca que o saber dataísta nunca é total, pois se baseia na operação algorítmica, não possuindo alcance de narração ideológica. Afinal de contas, é um totalitarismo sem ideologia.

Ademais, o regime da informação não é capaz de formar uma massa de pessoas. Pois, mesmo quando os indivíduos da informação se reúnem, formam apenas enxames digitais que não seguem um *Fuhrer*, mas sim *influencers*, pois o regime da informação singulariza as pessoas. As mídias digitais põem fim então ao tempo do ser humano da massa, pois ela é composta por legiões de ninguém (sem identidades), já o mundo digitalizado, produz múltiplos *alguém com perfil*.

Por falar em perfil, Han descreve que a psicopolítica parte do mapeamento dos mesmos, que são traçados a partir do dataísmo. E que permite à inteligência artificial, a possibilidade de influenciar o comportamento dos indivíduos, neste nível inconsciente, atingindo as camadas pré-reflexivas, pulsionais, configurando esta nova modalidade de intervenção, como dado-pulsional.

A posse das informações no nosso cenário, portanto, é o fator decisivo para o ganho de poder, pois são elas que garantem a dominação, inclusive no âmbito político, degenerando a democracia em infocracia.

Han, descreve que esta degeneração foi gradual, apesar de ter-se tonificado na era das mídias digitais. Volta-se destarte ao decorrer do processo histórico democrático, para explicar

que no início do do mesmo, o que prevalecia era a cultura livresca, onde o processo político dava-se por uma disputa de argumentos e discursos. Contudo, com o advento das mídias de massa como a televisão e o rádio, as pessoas passaram a ocupar uma posição passiva frente às informações. Além do mais, houve uma queda do juízo crítico por parte dos cidadãos espectadores, na medida em que estas mídias exploravam mais o visual e o emocional, frente ao racional.

A consequência direta destes fenômenos, foi que o processo eleitoral por exemplo, passou a se tratar de uma disputa de performances e propaganda, no fundo, um show. Esta fase da democracia foi nomeada como telecracia.

Com o advento das mídias digitais, os sujeitos deixaram a posição passiva como consumidores de informações, passando também a serem produtores das mesmas. A deterioração do juízo crítico todavia, no cenário digital, manteve-se prorrogando esta herança telecrática, favorecendo o apelo emocional, frente à racionalidade.

Metaforicamente falando, poderíamos comparar a história da dominação, como sendo-a por diferentes telas. Platão já falava das projeções no fundo da caverna, feitas pelo fogo, que lançavam figuras que entretiam os enclausurados. Esta tela do fundo da caverna, por sua vez, deu lugar à tela da TV, que logo, foi sucedida pela tela do *smartphone*.

Neste ponto de vista, estamos aprisionados na caverna digital (o presídio de que falamos há pouco), que na verdade é uma caverna que ilude os prisioneiros chamando-os de livres, autônomos. Esta caverna, diferentemente da de Platão não inebria com imagens mítico-narrativas, mas sim com informações, que na verdade extinguem a luz da verdade, na medida em que o estrondoso ruído das informações, mais confundem e desunem, fazendo desaparecer os contornos do ser.

O produto desta realidade é uma embriaguez compulsiva por informações e comunicação. Poderíamos também chamá-la de *infodemia*, pois trata-se de uma proliferação viral das informações.

Esta compulsividade é prejudicial à democracia, pois não permite o tempo necessário para que a reflexão venha, bloqueando a racionalidade comunicativa. De fato, esta compulsão por informação, pressiona todos a tomarem escolhas orientadas para resultados de curto prazo. Assim, extenua-se a comunicação afetiva, dado que afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Logo, informações que estimulam, mobilizam, chocam, tiram a força e a credibilidade dos argumentos.

Este é o campo fértil perfeito para o surgimento das *fake news*, pois elas geram muito mais engajamento do que as notícias verdadeiras. No cenário americano, Trump, logo se apossou desta poderosa arma, tornando-se conhecido, como demonstra Han, como o primeiro presidente *tuiteiro*, que veiculava informações virais, utilizando um oportunismo que o digital oferece, como nenhum outro antes dele o fez.

Sua campanha eleitoral, assim como de outros que o sucederam, passaram a utilizar, o ótimo instrumento da psicometria, ou psicografia, traçando perfis, conforme já explanamos anteriormente, prevendo melhor o comportamento das pessoas (eleitores) do que os amigos, ou até mesmo melhor que elas próprias. Assim, foi desencadeado uma campanha de marketing político, com focalização micro, personalizada, para influenciar os sujeitos.

Esta influência sobre o comportamento dos eleitores é a principal característica da infocracia, que mina a autonomia e a liberdade de vontade, manipulando com uma precisão cirúrgica, os cidadãos com propagandas eleitorais e *fake news* enquadradas em seu psicograma, tornando-os *gado eleitoral*. Esses *dark ads*, como Han os nomeia, contribuem para a polarização e cisão da sociedade que vemos em voga hoje.

A democracia está em perigo onde quer que cidadãos interajam com robôs de opinião, se deixando manipular por eles (...) Na campanha eleitoral como guerra de informação, não são os melhores argumentos que prevalecem, mas algoritmos inteligentes. Nessa infocracia, nessa guerra de informação, não há lugar para o discurso. (HAN, 2022, pp. 42 e 43)

As informações, portanto, em nossa realidade são utilizadas como armas, construindo um cenário de *infowars* (guerras de informação), que se baseiam em teorias da conspiração e *fake news*, que destituem a verdade de sua posição primordial. O advento dos memes também nessa guerra, proporciona uma contaminação viral, que dificulta o discurso racional, mobilizando afetos primorosamente.

Ao contrário das *fake news* e dos memes, a verdade e o discurso não são virais, o que prejudica completamente o processo democrático, pois o mesmo é lento e prolixo.

Diante disso, temos um desaparecimento da facticidade, que estorva a comunicação orientada ao entendimento, contribuindo para o fortalecimento da atomização e narcisização crescente na sociedade. Em última análise, presenciamos o desaparecimento do outro, e a consolidação da incapacidade de ouvir, que é responsável pela crise da democracia.

Isto se mostra nitidamente através do fenômeno da tribalização da internet, onde as ditas tribos digitais se isolam, selecionando informações, e compartilhando teorias da conspiração, e notícias falsas em uma busca desenfreada de uma política de identidade intragrupal.

Esta é uma das respostas que o *homo digitalis* têm buscado como solução para o esfacelamento do laço social. Desta forma, para não perder a identidade que a tribo confere à si, o sujeito renuncia suas convicções, adotando as opiniões externadas na tribo, que se tornam sagradas e incontestáveis.

Nesse universo pós-factual, a opinião prescinde toda racionalidade, não sendo criticável, ou precisando de fundamentação. O discurso por sua vez, é substituído pela crença e pelo voto de fé, fundamentando uma ditadura da identidade da opinião. Prontamente decaímos, em uma guerra de identidades inconciliáveis, onde a alteridade se ausentou.

O fim da verdade, e da factualidade, significam em síntese, a vacilação de um consenso regulador, da coesão social. O autor descreve que estamos vivendo um segundo niilismo, muito diferente daquele proposto por Nietzsche. O de hoje, funda uma patologia da digitalização, que desintegra o discurso em informações, e que degrada a liberdade de opinião em farsas.

Neste ponto, o livro faz um diálogo interessante com a análise de Hannah Arendt sobre Hitler. Ela destacava que o líder nazista, não pretendia contradizer fatos isolados, mas sim, criar todo um contexto coeso, onde fosse possível a erupção de uma nova realidade, a partir da ideologia.

Han, parte desta conceituação, para tecer a crítica de que falta às *fake news*, esta coordenação para criarem uma nova realidade, pois muitas vezes, são contraditórias e desconexas. O que elas fazem prevalecer, no fundo, é a desconfiança; que é um dos traços mais distintos da sociedade da informação.

O escritor sobe ainda mais o tom da crítica, destacando que ausenta-se à informação a solidez do ser. Além disso, o caráter da mesma é paradoxal, ambivalente, produzindo simultaneamente segurança e insegurança. Já a verdade é narrativa e exclusiva, logo a verdade se opõe à informação, na medida em que a primeira, elimina a contingência e a ambivalência. Além do mais, a verdade produz discurso, entendimento e consenso, ou seja, ela estabiliza a sociedade, abolindo a ambivalência.

Esta oposição entre verdade e informação, mostra-nos afinal, que há estruturalmente, uma crise narrativa na sociedade, que expõe o vazio de sentidos, e a falta de orientação.

Conclui-se, portanto, que a infocracia e seus meios de poder, são o que consolidam o maior perigo hoje, para a democracia.